

AS METÁFORAS E O SUJEITO NA SÉRIE DE TELEVISÃO “SESSÃO DE TERAPIA”

ANE CRISTINA THUROW¹; ARACY ERNST²

¹Universidade Federal de Pelotas – ane.thurow@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – aracyep@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

A Análise de Discurso (AD) de filiação pecheuxtiana, como uma disciplina interpretativa, busca compreender os efeitos de sentido produzidos pelos discursos. Entendemos que o sentido não está nas palavras, pois o significante não é dotado de sentido, mas sim, permite que se criem sentidos através do discurso e são oriundos de determinada formação discursiva (FD). A linguagem é heterogênea em sua constituição, uma representação simbólica das práticas discursivas nas suas implicações, nos seus conflitos, no seu reconhecimento e nas suas relações de poder.

A metáfora como a substituição de um significante por outro significante, concebe a apreensão de sentidos outros. Para PÊCHEUX (2009, p. 240), “o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora”, ficando provisoriamente inscrito no interior de certa FD. Pela metáfora cria-se a possibilidade não somente de “desenvolvimento do significante, mas também de surgimento de sentidos sempre novos, que vem sempre contribuir para aprimorar, complicar, aprofundar, dar sentido de profundidade àquilo que, no real, não passa de pura opacidade” (LACAN, 1999, p. 35), o que é permitido pela abertura da língua ao possível e ao impossível.

A linguagem é a chave para o sujeito entrar em contato com a cadeia de significantes e estabelecer a relação com o outro/Outro, apontando para a existência do inconsciente e da ideologia. Nessa configuração, o Outro interfere no processo de subjetividade pelo atravessamento dos significantes do outro. Esses significantes constituem e alienam o dizer do sujeito. No discurso, as marcas de subjetividade podem trazer pistas do inconsciente e da identificação do sujeito com determinada FD, imperceptíveis ao mesmo.

Ao tratar da articulação das noções de inconsciente e ideologia, temos o duplo movimento da constituição da subjetividade. Ao ser interpelado pela ideologia, o sujeito, parcialmente assujeitado, inscreve-se no simbólico. Nesse processo não consciente, a subjetividade surge, criando no sujeito a ilusão de autonomia e de ser origem do seu dizer (ORLANDI, 2012). O sujeito individualiza-se ao se inserir nas práticas sociais reguladas pelo Estado e esse movimento acontece pela inserção da linguagem na vida do sujeito, constituindo o aparelho psíquico e a subjetividade.

As práticas discursivas e não discursivas dos sujeitos são (re)produzidas de acordo com as condições sócio-históricas vigentes. Saberes são (re)formulados e sofrem interferência das formações ideológicas que, ao interpelarem os sujeitos, apresentam discursivamente a submissão e/ou a resistência do sujeito. A heteronormatividade é uma das normas, tomada como natural e disseminada em nossa sociedade, regulada pelas instituições sociais, influenciando o discurso e o comportamento dos indivíduos.

Os saberes hegemônicos circulam na sociedade e transpassam os dizeres, criando efeitos de sentido cristalizados. Para BUTLER, “o gênero é a estilização

repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida” (2003, p. 59). Assim age a ideologia heteronormativa, atrelada à repetição cultural e à manutenção do binarismo (homem/mulher).

Contudo, é possível trazer práticas e saberes novos para introduzir a mudança. Os discursos estão em constante movimentação e a transformação das questões de gênero ocorrem. Na atualidade, os dizeres referentes à orientação sexual parecem se encaixar, deslizar e derivar em outros, de forma que significantes se transformam e ressignificam.

Nessa temática, temos a série de televisão brasileira “Sessão de Terapia” que (re)produz, em sua terceira temporada, a história fictícia do personagem Felipe. Surge a discussão de temas heteronormativos pautados na padronização e categorias de gênero. A partir da materialidade discursiva – linguística e visual – dos episódios, buscamos compreender os efeitos de sentido presentes nas metáforas vinculadas à heteronormatividade. As pistas encontradas pelos efeitos metafóricos permitem a observação do discurso heteronormativo no contexto sócio-histórico atual.

2. METODOLOGIA

Este trabalho tem como objeto de estudo os episódios da terceira temporada da série de televisão Sessão de Terapia. Para a compreensão da história fictícia do sujeito-paciente, optamos pela análise qualitativa das sequências discursivas (SD) que apresentam metáforas. Considerando as condições de produção e a série de formulações existentes, buscamos encontrar a transferência de sentidos produzidos nas SDs, possibilitando a interpretação e compreensão. Como o uso da metáfora não é opcional, mas determinado pela posição-sujeito, sua utilização é, pois, ideológica e inconsciente, relacionada à filiação à FD e à derivação de sentidos. Por meio das condições de produção das SDs, diferentes modos de funcionamento discursivo surgem pela reiteração do discurso heteronormativo (re)produzido na cena.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As metáforas apresentam-se através da substituição de significantes, sendo que os sentidos surgem na cadeia simbólica de significantes em certas condições de produção. O discurso do sujeito-paciente apresenta saberes representativos da FD tradicional hétero e da ideologia heteronormativa. Como a linguagem está associada à heteronormatividade, os sentidos parecem estar cristalizados, mas a transformação gradativa desse sistema parece acontecer e se realizar nas metáforas. Vejamos alguns exemplos:

SD1 – Quando eu te contei do meu relacionamento com o Guto, você continuou me olhando do mesmo jeito. Ahn! Você não é nada meu e você *me aceitou*.

SD2 – Você sabia que não ia ser fácil *mudar meu jeito*.

SD3 – Eu sou uma pessoa *horrível*.

Em SD1, temos a exposição do relacionamento homoafetivo do sujeito-paciente e a apreensão da aceitação do outro. Na cena, a materialidade visual revela o sujeito-paciente com postura relaxada e olhos fixos no sujeito-terapeuta. O olhar do sujeito-paciente parece condensar a emoção sentida, em busca de uma relação comunicativa, traduzida em palavras. O uso da expressão “você

continuou me olhando do mesmo jeito” pode remeter a um ponto de identificação entre os interlocutores. Esse olhar é mais do que o visual, traz uma compreensão do outro, uma não discriminação, sem o uso de palavras. A ideia da discriminação, atravessada pelos já-ditos, compõem o dizer “Você não é nada meu e você me aceitou”, assinalando a necessidade da aprovação do outro. Ao fazermos uma substituição significativa da expressão “me aceitou”, podemos, por similaridade semântica, usar “me acolheu” ou “me reconheceu”, rememorando as questões de gênero e a orientação sexual.

Em SD2, o dizer remete a concepção de que “não ia ser fácil”, o que possibilita a noção de que “seria difícil” ser o que não é ou representar o que se é. Essa ilusão de ser e representar seu eu faz parte do assujeitamento do sujeito-paciente à ordem da língua, fazendo o sujeito acreditar na sua autonomia. Sabemos que, simbolicamente, o sujeito-paciente produz seu discurso impelido por discursos outros, que interferem na produção e na relação com outro. Não há domínio da significação, pois os significantes não são neutros e se transformam de acordo com as relações estabelecidas. As condições de produção incitam saberes que configuram formações imaginárias filiadas à formação ideológica heteronormativa. Pelo dizer de SD2, entendemos que a FD hétero transpassa os saberes do sujeito-paciente, criando a ilusão de que se pode controlar sua prática discursiva e não discursiva (fala, corpo, gesto, olhar).

A expressão “mudar meu jeito” cria uma fantasia de poder se transformar e constituir um novo eu. As formações imaginárias possibilitam a constituição de um eu ideal. No entanto, sabemos que a identidade é imaginária e “o sujeito não tem identidade própria, ele é tão somente representado por significantes que se encontram nesse lugar psíquico que é o Outro” (QUINET, 2012, p. 22). Ao deslizar de significante em significante, o sujeito é constituído pelo Outro. Os significantes alienam o sujeito, ou seja, pelo efeito da linguagem, o sujeito se representa e se identifica a partir do Outro (lugar do inconsciente).

O Outro marca o sujeito em sua história, seu desejo, seus ideais, sustentados pelas fantasias inconscientes e imaginárias (QUINET, 2012). A partir dos significantes recalçados no inconsciente ou pelos ideais do Outro que o sujeito pode constituir seu eu ideal, aquele espelhado no outro/semelhante. Ao analisar o dizer do sujeito-paciente, em SD2, notamos esse desejo de retorno, de sentir-se amado, atravessado pelos significantes do Outro.

O desejo de ser compreendido é projetado no outro sem ser notado, trazendo pistas da alienação sofrida. Esta alienação é exteriorizada no outro, criando um vazio. Ao enunciar “mudar meu jeito” traz à tona os ditos parentais introjetados, pois o sujeito-paciente tem a ilusão de saber o que o Outro quer e de poder transformar seu eu. Os significantes utilizados podem ser transferidos como desejo de “me modificar” ou “ser diferente”, o que compreendemos como uma tarefa analítica inicial de reconhecimento do desejo. Contudo, este reconhecimento pode ser apenas do desejo do outro, interiorizado pelos já-ditos que o alienaram. Sabemos que o sujeito-paciente tem a ilusão de ser, o que se constitui pela alienação imaginária e pela subjetivação simbólica.

A ilusão de poder “mudar seu jeito”, estabelecida em SD2, é retomada como a ilusão de ser “horrível”, em SD3. São os significantes, repletos de sentidos, moldando esse sujeito clivado, assujeitado e submetido ao inconsciente e aos contextos sócio-históricos. Entendemos que a projeção do Outro no sujeito ocorre pelo efeito do esquecimento número um, por via do inconsciente, de maneira que a tomada de posição reverbera o efeito de “‘exterioridade’ do real ideológico-discursivo” (PÊCHEUX, 2009, p. 160). O choro do sujeito-paciente,

mostrado na cena, é uma tomada de posição que remete a identificação com o outro/sujeito-namorado, ao se tornar insuportável ouvir que é gay.

Ao analisar as definições de “horrrível”, entendemos que o discurso expressa uma constituição desagradável aos olhos do outro. Nesse ponto, a estruturação do dizer marca o assujeitamento do sujeito-paciente à formação ideológica heteronormativa, por não conseguir assumir sua orientação sexual na sociedade. Ao trabalhar com a possibilidade de transferir os significantes, ser “desagradável” ou “reprovável” poderia ser uma forma de explicar o dizer do sujeito-paciente. Na cena, o gesto de baixar a cabeça corrobora para a ideia de vergonha, visto que o uso da palavra “horrrível” traz consequências, pois a imagem do eu, criada pelo sujeito-paciente, se transfere. Uma forma metafórica de traduzir seu eu clivado e descentrado, manifestando a dificuldade de ser amado.

As relações de dependência lógico-retóricas trazem as evidências de verdade apresentadas na sociedade, sendo que na posição de sujeito heterossexual, o sujeito-paciente se vê como dependente e mantenedor dessa “aparência” homogênea, o que transfere para uma “falsa-aparência” quando se apresenta a posição de sujeito homossexual. No ato de enunciar, a tomada de posição do sujeito traz uma interpretação da sua vida como “efeitos de identificação assumidos e não negados” (PÊCHEUX, 2008).

Ao trabalhar com a desconstrução da materialidade discursiva do sujeito-paciente, encontramos metáforas que representam a constituição do sujeito-paciente, interpelado pela formação ideológica heteronormativa, e com desejo de se rebelar, contraidentificar-se com os saberes constituintes e representativos da FD hétero.

4. CONCLUSÕES

O discurso do sujeito-personagem está atrelado aos saberes heteronormativos, criando deslizamentos que remetem a uma possível constituição identitária. Buscamos tratar as (in)visibilidades do discurso do personagem que representa uma parcela socialmente silenciada da população. A imposição da hegemonia heterossexual transpassa os enunciados do sujeito, colidindo com o desejo do sujeito homossexual. Este estudo teve como preocupação trabalhar os efeitos da metáfora na constituição da subjetividade e da identidade de gênero. Acreditamos que a identidade de gênero se transforme pelo efeito simbólico do sujeito e pela adaptação da linguagem às mudanças sócio-históricas atuais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2003.
- LACAN, J. **O Seminário**. Livro 5. As formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- ORLANDI, E.P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. (1999) 10. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.
- PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2008.
- _____. (1988) **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 4. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2009.
- QUINET, A. **Os outros em Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.